



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA - UNILAB  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

**ADILSON VICTOR OLIVEIRA**

PROJETO DE PESQUISA  
**CULTURA E PODER: CONFLITOS ÉTNICOS E TERRITORIAIS NA ÁFRICA  
OCIDENTAL ENTRE O FINAL DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO SÉCULO XIX**

REDENÇÃO

2017

ADILSON VICTOR OLIVERIA

PROJETO DE PESQUISA

**CULTURA E PODER: CONFLITOS ÉTNICOS E TERRITORIAIS NA ÁFRICA  
OCIDENTAL ENTRE O FINAL DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para a conclusão do  
Bacharelado em Humanidades, da Universidade  
da Integração Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. Itacir Marquês Luz

REDENÇÃO

2017

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	03
PROBLEMATIZAÇÃO-----	06
OBJETIVOS -----	06
JUSTIFICATIVA-----	07
HIPÓTESE -----	09
METODOLOGIA-----	10
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-----	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS-----	21
ANEXOS-----	24

## INTRODUÇÃO

A compreensão sobre os elementos que constituem a dinâmica de uma sociedade, como Cultura e Poder, demanda considerar as movimentações e os conflitos vivenciados pelos grupos sociais ao longo do tempo e em determinados espaços. Particularmente no caso do continente africano, pensar questões pode nos ajudar a entender não apenas a configuração dos diferentes pontos desta região específica do planeta, mas também um pouco do processo vivido pela espécie humana mais amplamente, uma vez que, como destaca a escritora Elisa Larkin Nascimento: “A maior parte da história humana se desenvolveu nesse continente” (NASCIMENTO, 2007, p.12). Tal presença “originária” também foi acompanhada de ondas migratórias de certos povos, ocorrendo em função de vários interesses à época, afetando conseqüentemente a configuração do espaço ao longo da história.

Em África Ocidental no período chamado de Idade Média da história, formaram-se três grandes impérios: o de Gana, de Mali e o de Songai, respectivamente. O império do Mali que, de acordo com Oliveira (2013), apareceu devido ao fracasso e decadência do império do Gana, e que também foi um império bem estruturado politicamente, mas que com o tempo acabou entrando em decadência devido aos ataques de vários grupos étnicos, religiosos e a disputa quanto à sucessão do trono após a morte do seu consagrado *mansa*.<sup>1</sup>

De acordo com Amaral (et al, 2013, p.212): “O reino do Mali entrou em decadência no início do século XV devido aos sucessivos conflitos dinásticos, aliada às constantes invasões de seus territórios por rivais ambiciosos”. Esses ataques de vários grupos de interesses diferentes levaram à queda do império e assim, forçou a migração dos povos que habitavam aquela região do Mali, principalmente os Mandingas que eram majoritários nessa região saíram em busca de segurança, com isso, permitiu o fortalecimento do Kaabu<sup>2</sup> que na altura era um aliado do Mali.

---

<sup>1</sup> O termo Mansa é o título dado ao soberano mandinga do império do Mali e em províncias do Mali em outras regiões da África Ocidental. Ver o BARRY, Boubacar. Senegâmbia: O desafio da História Regional. SEPHIS-Centro de Estudos Afro-Asiático, Rio de Janeiro, 2000. Ver também: SANTOS, Vanicléia Silva. As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII, São Paulo, 2008

<sup>2</sup> Kaabu foi um império mandinga em África Ocidental. Sobre isso conferir: LOPES, Carlos. Kaabunké: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. trad. de Maria Augusta Júdice e Lurdes Júdice, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999. Ver também Calido Mango. Kansala: O embrião do poder mandinga na Guiné-Bissau. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oXIGoSFmhEQJ:www.pordentrodaafrica.com/cultura/>

O reino ou império de Kaabu, Ngabou, N'gabou (Gabu) também, nomeado, segundo Carlos Lopes (1999), de Kaabú ou Cabo, Gabú, Guabbu, Cabul, Kabú, se localizava entre os contrafortes de Futa-Jalo a oeste, o rio Gâmbia a norte, o atlântico e as ilhas Bijagós a leste, e o rio Corubal e Nunez a sul, em território sudanês, que hoje se localiza na atual leste da república da Guiné-Bissau. Situando-se como uma das regiões ou províncias do grande império do Mali, de acordo com Ribeiro (2013, p.10):

O Gabu era um reino mandinga fundado em fins do século XIII após a migração deste povo desde o Arco-do-Níger. Eles eram tributários do Mansa do Mali, pois conquistaram e governavam esta terra em nome dele. O Gabu nessa altura era governado em nome do soberano do Mali.

Com o declínio desse império, a partir do século XVI o Kaabu se auto proclamou autônomo e se formou como um estado politicamente forte, dominado pelo grupo étnico Manden/Mandinga, ocupando toda a região ocidental, desde Casamansa, Senegal ao Gâmbia e até algumas regiões de Guiné (atual Guiné-Conacri) à Serra Leoa. Criou então espaço para comercio com a costa visto que se encontrava no interior do continente e era possível comercializar com o exterior só a partir da costa dos rios Geba, Cacheu, Gâmbia e Casamansa (LOPES, 1999). Com essas atividades econômicas o Kaabu enriqueceu e tornou um império muitíssimo forte e politicamente organizado, passando sua supremacia por toda a Senegâmbia.

Como aconteceu no império de Gana, no império do Mali e no império de Songai, o mesmo aconteceu no reino de Kaabu, as constantes rivalidades e conflitos étnicos/religiosos ou econômicos provocavam os deslocamentos dos povos autóctones. Como se tornaram frequentes os ataques nessas regiões, as pessoas começaram a se deslocarem de espaço em busca da segurança e de lugares para suas atividades agrícolas (LY-TALL, 2010). Essa corrente migratória de diferentes grupos étnicos que começou desde império de Gana antiga até o império de Mali chegou à região de Casamansa (que fazia parte de Senegâmbia e Kaabu) e se estabeleceram ali para suas práticas comerciais, principalmente os Manden, os Fulbes e os Jolas. Segundo explica Madina Ly-Tall (2010, p.209): “No final do século XVI, ocorreram numerosas migrações de povos Manden para o sul e para o sudoeste, onde fundaram aldeias ao longo das rotas das nozes- de- cola”.

Historicamente, aquela região de Casamansa na África ocidental era conhecida como um lugar de trânsito entre diferentes grupos étnicos que, em seus deslocamentos aproveitavam para fazerem seus trabalhos e as suas trocas comerciais nessas regiões (WONDJI, 2010; LY-TALL, 2010; AMARAL, et al, 2013). A maioria desses povos eram da religião tradicional africana, apesar de crescente invasão e conversão ao islamismo de alguns reis ou chefes tradicionais. Porém, mesmo os reis que se converteram ao islã continuavam ainda ligados às suas tradições religiosas “mais para o interior, no rio Casamance e no Rio Grande, o reino manden do Gabu (Kaabu) os soberanos locais permaneceram muito ligados à religião tradicional” (LY-TALL, 2010, p.200), religiões essas conhecidas pelas suas tradições.

As grandes movimentações eram comuns entre os diferentes povos autóctones e, apesar das trocas comerciais entre si, sempre houve rivalidades políticas que desembocavam em conflitos. Muitos escritores <sup>3</sup>consideram que as disputas e conflitos são bases de declínios desses impérios, isso devido aos ataques e migração continua dos grupos (LY-TALL, 2010). Contudo, podemos também associar esses conflitos com outras razões como a guerra religiosa, econômica, territorial, entre outras, desencadeada principalmente pelos Mandingas e Fulas e, posteriormente pelos europeus. Na altura, muitos deles eram das religiões tradicionais africanas e estavam num processo de islamização e cristianização, razões pelas quais muitas das vezes essas guerras acabam assumindo outros contornos. Ao tratar sobre *jihad* no *futa jalom*, por exemplo, Costa e Silva destaca que:

Os *almamis* do Futa Jalom não conheceram a paz. Estiveram sempre a procurar, pelas armas, expandir seu domínio e suserania para o sul e para o oeste. Para o oeste, na descida das terras altas, tiveram de haver-se, porém, com um outro império predador, o do Gabu. Submetido o planalto, a conquista de Gabu tornou-se uma das prioridades dos *almamis* fulas. (COSTA e SILVA, 2010, pp.15-16)

Gabu, o reino dos mandingas que nessa altura já dominara toda a costa e no seu processo de fortalecimento criou um exército forte, organizou suas estruturas políticas e econômicas e alargou seus territórios, por assim conseguir preservá-los de modo a reinar com tranquilidade (MANGO, 2017). No entanto, a conspiração dos Fulas contra o reino mandinga

---

<sup>3</sup> COSTA e SILVA, Alberto Da. O Jihad do Futa Jalom. In: RIBEIRO, Alexandre; GABARA, Alexsander; BITTENCOURT, Marcelo. (org.). África: passado e presente. II encontro de estudos africanas da UFF. Niterói: UFF, 2010, P.8-20. DIALLO, Mamadou Alpha; FERNANDES, Lito Nunes. O conflito de Casamansa: uma questão de segurança regional na Senegâmbia. Tensões Mundiais, Vol. 7, 2011, pp.117-136

continua a ser uma preocupação para o soberano de Gabu, até que entraram num confronto no início do século XIX, quando o reino Mandinka (Mandinga) se envolveu numa divergência com a etnia Fula que já se encontrava islamizada ou em islamização, e começou a fazer contato com os territórios não-muçulmanos que habitavam a “África Ocidental” (MANGO, 2017; PERSON, 2010).

## **PROBLEMATIZAÇÃO**

Diante da perspectiva de que esta região do continente africano parece ter se tornado um ambiente de tensões e confrontos entre povos que a ocupavam nessa época, acreditamos que vale problematizar esta realidade a partir de algumas questões, de modo a tentar entender melhor as circunstâncias específicas desses eventos, assim como suas implicações históricas não só para a região, mas também para o continente como um todo. Quais os primeiros povoados em conflito nessa região? Que fatores podem ser considerados para os surgimentos das tensões? Em que medida os interesses econômicos e políticos foram determinantes para tais disputas territoriais? Como se dava a disputa pelo poder em cada um desses diferentes povos? Qual a influência da religiosidade e dos outros elementos culturais nesses processos? Qual o caráter dessas disputas internas na região diante da gradativa presença colonial na costa da África?

Com base nessa problematização, este projeto tem como objetivo compreender os conflitos territoriais na África Ocidental entre o final do século XVIII e início do século XIX, a partir dos embates entre os grupos étnicos da região, particularmente na área que compreende atualmente Guiné-Bissau, Casamance e Senegal, observando os fatores políticos e os aspectos culturais desses povos que habitam tal região. Nossos objetivos específicos são:

- Mapear os territórios que compunham essa região;
- Identificar os grupos étnicos que a ocupavam;
- Caracterizar sua organização social, política e seus aspectos culturais e compreender as implicações desses conflitos no período para a configuração do território;

## JUSTIFICATIVA

Algumas produções historiográficas sobre a África nos conduzem a uma reflexão sobre o que é ou seria o continente no passado, em especial do século XV até o século XIX, com seus grandes impérios, as quedas de cada um deles e o período de crescimento do comércio intercontinental, (OLIVEIRA, 2006 e MANGO, 2017). Embora se acredite que pelo caráter de sua tradição civilizacional a África tenha optado sempre em aceitar o outro independentemente do que é ou parece, esses processos históricos de mudança sugerem uma maior complexidade no contexto africano sobre as relações entre os povos.

Uma parte importante na história dos conflitos territoriais na África Ocidental nesse período também está relacionada com a chegada dos europeus na região. Os relatos dão conta que os navegadores portugueses chegaram na costa ocidental do continente Africano concretamente onde é a atual Guiné-Bissau entre 1445/1446, momentos dos primeiros contatos com os povos africanos da costa. Segundo Gomes (2017) e Monteiro (2011), o navegador português Nuno Tristão chega à Guiné-Bissau em 1445/1446<sup>4</sup> e em seus vários registros é possível notar que já se havia alguns conflitos territoriais entre africanos, sendo as rivalidades entre os reinos sendo motivadas por razões diversas, entre as quais, as terras férteis para prática da rizicultura, a criação de animais e a prática das pescas e das grandes florestas que para eles aqueles lugares serviam para seus cultos das suas religiões tradicionais africanas e de outros trabalhos. “Nessas províncias ocidentais particularmente úmidas, a criação de animais estava ligada a agricultura. Os camponeses eram, também, criadores de animais domésticos” (LY-TALL, 2010, p, 199).

A fertilidade do solo de Casamansa, por exemplo - e não só, passou a ser algo de cobiça e disputado por vários grupos, como descreve Person (2010, p.338):

“A costa é de modo geral baixa e pantanosa, com áreas de vasa muito propícias a rizicultura; e recortada por inúmeros cursos d’água provenientes do Futa-Djalón, que se lançam no mar após percorrerem algumas centenas de quilômetros”.

Destaque-se que a costa ocidental da África é banhada pelo oceano atlântico e dentro dos litorais era comum ou possível encontrar as lagoas/ pântanos com águas doces que

---

<sup>4</sup> Alguns escritores colocam o ano de 1445 e outros 1446 como ano da chegada dos portugueses à território que é hoje atual Guiné-Bissau; Ver GOMES, Lisandra Nivalda Vaz. A Pegada Ecológica e a Arquitetura Sustentável do Século XXI: Proposta de uma Escola Secundária e Envolvente em Canchungo, Guiné-Bissau. Lisboa, 2017. Também ver: MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: A luta da libertação nacional e o projeto de construção do estado Guineense. UEFS, n.12, 2011



permitiam a prática da agricultura e a criação de gados à todas as etnias que povoavam a região costeira. Dada a fertilidade do solo, muitos grupos acabam entrando em rivalidades e conflitos por territórios para poderem povoar e praticar suas atividades agrícolas nas comunidades.

“Na zona da alta Guiné fronteira a Senegâmbia, em meio a uma rede de braços de mar e aos estuários do rio Casamance e do Rio Cacheu, encontravam-se os Balante, os Joola (Diola) e os Flup, povos rizicultores, que viviam em comunidades rurais autônomas”. (PERSON, 2010, p.339)

Essas regiões facilitavam as práticas acima referidas, conduzindo uma vida estável para os habitantes e muito mais para suas pastagens. Com a valorização dessas áreas, os grupos étnicos para evitarem ataques e sequestros dos seus bens fazem acordos e formação de guerrilhas fortes para proteger e disputar novos espaços, a fim de aumentar mais o poder do rei (mansa). Esses conflitos entre culturas em diferentes espaços geográficos são motivos pela distribuição equitativa ou não das etnias que povoavam a região.

Portanto, a compreensão do que é a região entre Senegal e Guiné-Bissau (Casamansa) passa também por uma “leitura horizontal” dessa realidade, que nesse caso significa entendemos que esses eventos em tal região da África Ocidental no período enunciado devem ser entendidos para além dos referenciais tradicionais quer dizer a desconstrução da teoria justificada a partir das lentes dos agentes coloniais, notadamente da ação de Portugal e França, os quais disputavam a região de casamansa<sup>5</sup> devido a oportunidade que essa dava para as práticas acima referidas e posteriormente o dito comercio de escravo. Apesar dos Portugueses chegarem primeiros na região de Casamansa isto entre 1445/1446 e a França só quatorze ano mais tarde em 1459, mas, tendo em conta a potencialidade que a região oferecia a França queria entrar nela e com isso sempre brigaram por esse território, por fim, após a conhecida conferência de Berlim realizado entre 15 de novembro de 1884 e 26 de fevereiro de 1885 onde os europeus dividiram o continente Africano entre si, na qual também deitaram as regras para obtenção e efetivação dum território pelos ocidentais.

---

<sup>5</sup> A atual região de Casamansa nesse período do século XVIII e XIX pertencia ao reino de Kaabu e depois a Guiné-Portuguesa no período colonial na atual Guiné-Bissau, só no século XX que Portugal cedeu-a para a França. GONÇALVES, Adolto. Casamansa, um grito de liberdade sufocado. A situação dramática vivida por uma província do Senegal é mais um exemplo da herança deixada pelos colonizadores europeus. Revista Fórum. São Paulo, 2006, pp.42-43

Consequência disso foi que em 1886 Portugal e França tiveram que fazer um acordo conhecido como “Acordo Luso-Francês” (LOPES, 1994), acordo que visava delimitar as possessões de cada um em África e em 1908, com a contínua pressão da França contra Portugal sobre a Casamansa, Portugal decidiu ceder a tal região no norte da atual Guiné-Bissau à França e em troca recebeu a região de Casine que fica no sul da Guiné-Bissau. (GONÇALVES, 2006; DIALLO; FERNANDES, 2011). Mas, não vamos aprofundar muito nesse assunto, visto que nosso interesse é outro, mas vale situar sobre esse aspecto que também faz parte da história daquela região.

## **HIPÓTESE**

Desde seu surgimento, aparentemente a sociedade humana também vem sendo um lugar de disputa entre diferente povo e em diferentes espaços, o que ganhou dimensão muito maior com a chegada do período da dominação colonial entre continentes.

A África, com toda sua diversidade de grupos étnicos e modos de vida não ficou de fora desses conflitos humanos. Na costa ocidental do continente os confrontos e alianças entre etnias em nosso entender são motivadas por razões territoriais, econômicas e religiosas. Territoriais na medida em que cada grupo buscava ocupar melhor espaço territorial para si. Econômicas porque cultivo de arroz, cereais, ouros e outros produtos ou materiais e jóias de valor são fontes de riquezas e poder para qualquer dinastia na altura. Por razões religiosas porque haviam vários tipos de crenças em que cada uma tentava se impor sobre as outras, sem também descartar a hipótese da chegada das outras religiões. E, por fim, o comércio de escravos

Este projeto, portanto, se propõe a discutir os conflitos territoriais na região ocidental da África analisando-os a partir das singularidades culturais das múltiplas relações de poder entre as etnias que povoavam o território da atual Guiné-Bissau, Senegal e Casamansa. Entendemos, portanto, que tal disputa territorial resulta fundamentalmente do caráter adquirido pelos conflitos étnicos e religiosos que ocorreram nessa região africana no período.

## **METODOLOGIA**

De acordo com Gil (2010), as pesquisas exploratórias têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, o que faz com que seu planejamento tenda a ser bastante flexível. Particularmente no caso da pesquisa bibliográfica, esta é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Ainda segundo o autor, embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2010). Assim, a principal vantagem que a pesquisa bibliográfica nos dá reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Hoje em dia, a existência de uma diversidade de fontes bibliográficas representa uma possibilidade maior de acesso à informação que pode enriquecer os estudos acadêmicos, a exemplo de teses e dissertações, períodos científicos, anais de encontros científicos, resumos, entre outros. Nesta ótica, tomaremos como referência os volumes da Coleção História Geral da África, em particular os volumes quatro (04), cinco (05) e seis (06), além de outras obras e autores que tratam direta ou indiretamente sobre o contexto em foco ou sobre as questões mais amplas que se articulam com a problemática apresentada, para o que pode-se citar a obra *Kaabunké: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais*, escrita pelo pesquisador guineense Carlos Lopes; *Bexerins e jesuítas: religião e comércio na costa da Guiné (século XVII)*, de Vanicléia Silva Santos; e *O jihad do Futa Jalom*, de Alberto da Costa e Silva, entre outras.

No que se refere à utilização de fontes documentais, Gil (2010) destaca que esta assemelha-se em certo ponto com a própria fonte bibliográfica, apesar de algumas diferenças no que diz respeito às suas origens. Isso porque na pesquisa bibliográfica utiliza-se mais as contribuições dos autores que abordaram certa matéria na qual nós precisamos utilizar na nossa pesquisa, por exemplo, materiais impressos ou eletrônicos. Por sua vez, a pesquisa documental, de acordo com Sá-Silva (et al, 2009) e Gil (2010), ocorra pela utilização dos materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com as nossas pretensões e objetivos da pesquisa proposta. Esse tipo de fonte pode ser encontrada em instituições públicas e privadas, a exemplo das cartas

peçoais, memorandos, assentamento, comunicação, boletins, gravações, regulamentos, ofícios, folhetos.

Além disso, pode-se tomar entre as fontes documentais aquelas que já foram analisadas, como, por exemplo, relatórios, tabelas estatísticas, etc., os quais podem ser considerados como tipos especiais de documentação. Nesse sentido, Gil (2010) afirma que as fontes documentais são mais numerosas e diversificadas, já que qualquer elemento portador de dados pode ser considerado documento. Atualmente, assim como os documentos mais “tradicionais” (ou oficiais) produzidos por organizações como: igrejas, partidos políticos, sindicatos, empresas, associações científicas, arquivos públicos, também temos várias outras fontes documentais complementares como: filmes, fotografias, gravações sonoras, CD-ROM, DVD, etc., constituindo um conjunto de elementos que se receberam ou não algum tipo de tratamento científico.

Nesta pesquisa, serão utilizadas fontes bibliográficas e documentais, no que se inserem tanto um conjunto de registros sobre a África Ocidental e Centro-Ocidental. Dentre elas, destacamos os textos: “Ziguinchor et son passe (1645-1920)”; “A primeira missão Franciscana da Guiné (Séc. XVII-XVIII). Tentativa sem efeito no século XV”; “A Guiné no último quartel do séc. XIX”; “A Etnonímia dos Povos de entre o Gâmbia e o estuário do geba”, disponíveis no website Boletim Cultura da Guiné Portuguesa (ver anexo 1).

Na Revista Soronda da Guiné-Bissau, também serão analisados alguns registros sobre o tema, a exemplo dos textos intitulado “A senegâmbia do séc. XV ao séc. XX: em defesa de uma história sobregional da Senegâmbia”; “Relações de poder numa sociedade malinké: O Kaabu do séc. XIII ao séc. XVIII”; “Conflitos interétnicos: dissolução e reconstrução de unidades políticas nos rios da Guiné e de Cabo Verde (1840/1899)” (ver anexo 1).

Além dos acervos que serão mapeados na Revista Ultramarina de Portugal e do próprio Instituto de Pesquisa da Guiné-Bissau (INEP), nos quais faremos outros levantamentos de fontes no período em questão, de modo a viabilizar um aprofundamento dessa pesquisa.

Por fim, também nos servirão como fonte para a ilustração e análise do fluxo territorial dos grupos étnicos alguns mapas do continente africano como um todo e principalmente da região estudada, principalmente aqueles referentes ao lugar e que datam do período em questão, ou seja, a África Ocidental dos séculos XVIII e XIX (ver anexo 2). Através deles

buscaremos entender não só as “migrações internas” ao longo do tempo, mas também as disputas territoriais e sua relação com as estruturas políticas, econômicas.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Como berço da história da humanidade, na África se desenvolveram vários grupos e sistemas civilizacionais, estados politicamente organizados, assim como tecnologias e culturas ao longo do tempo, o que constitui uma herança cultural e histórica para o mundo. Formaram-se impérios e reinos, alguns dos quais chegaram a durar até final do século XIX, especialmente na parte ocidental do continente, como é o caso do império do Kaabu. Portanto, não se pode falar da atual Guiné-Bissau, do atual Senegal ou da região de Casamansa sem primeiramente falar das suas relações políticas, econômicas e culturais, no que se insere o aspecto religioso, que há vários séculos constituem teias regionais de relacionamento, cruzamentos de povos/etnias através dos mais diversos processos sociais e de poder desenvolvido pelos diferentes povos que povoaram a região costeira e formaram suas sociedades e suas estruturas políticas. Segundo Elisa Larkin Nascimento (2007, p.16):

As fases férteis do Saara e sua lenta transformação em deserto provocaram migrações e intercâmbios entre seus habitantes e vizinhos. Seguiam populações em direção ao leste, nordeste, norte e sul, onde se misturavam aos povos locais. Assim, do Saara e do Sudão difundiam-se elementos culturais e simbólicos, bem como instituições e atitudes sociais, comuns a povos africanos geograficamente muito distantes entre si.

Essas estruturas políticas formadas a partir das aldeias formam as grandes sociedades da iniciação e são as bases da vida política, conforme destaca Person (2010). Tais sociedades de iniciação eram compostas pelos anciões responsáveis pela comunicação dos conhecimentos esotéricos de geração a geração, sendo detentores de certos saberes dos rituais e responsáveis pelas realizações das cerimônias religiosas, periodicamente se reunindo para discutir a situação dos seus territórios e outros.

Por sua vez, esses territórios também eram marcados pelas relações hegemônicas entre etnias e, com isso, não faltavam invasões de uns contra os outros, o que fazia as tribos se deslocarem com as suas famílias e gados a outros lugares em busca da segurança, a exemplo dos Fulbes. Também conhecidos como Fulas, estes eram pastores das ovelhas e, com sua

cultura de nomadismo de pastorear ovelhas acabaram por migrar para outras regiões principalmente das regiões férteis onde poderão pastorear e praticar a agricultura (LOPES, 1999). Isso acabou, segundo Ly-Tall (2010) eclodindo em conflitos devido a repartição da terra por onde chegaram, mais notadamente a partir do século XVII, visto que, nesse período, muitos dos Fulbes vindos de outras regiões em busca de bons lugares para o pasto queriam se fixar no território.

Após vários combates e resistências, conforme narra Costa e Silva (2010), os Fulbes se apropriaram do espaço e começaram suas atividades comerciais, pouco tempo depois com as suas vendas de couros enriqueceram e com isso altera as relações de força entre eles e demais povos. Aproveitaram-se do comércio com os ocidentais para comprar armas de fogo, lanças, flechas, catanas, ou seja, compravam de tudo que precisavam para suas invasões e resistências, e iniciando com o tempo, ataques aos povos autóctones da região. Mas não faltou também a resistência de alguns perante as invasões dos Fulbes nessas regiões. Com o tempo esses povos se sentiram fracos e ameaçados daí se aliaram entre si para combater contra os Fulbes a fim de conservarem suas identidades e seus territórios ameaçados (COSTA e SILVA, 2010; PERSON, 2010).

Essas invasões étnicas, portanto, eram freqüentes na região por parte de quase todos os grupos. Em seu artigo sobre a conquista militar da Guiné: *Da resistência à “pacificação” do arquipélago dos Bijagós*, o escritor Peter Michael Karibe Mendy explica que:

...através da colaboração estreita com poderosos potentados locais, e tirando partido absoluto de conflitos territoriais e religiosos sangrentos, manobravam várias classes e grupos étnicos, uns contra os outros, numa tática inteligente de “dividir e conquistar. (MENDY, 1992, p.42).

Com esses conflitos sangrentos, uns conseguiram manter suas identidades a partir da resistência e coligações do outro lado alguns contavam com o apoio dos ocidentais (europeus, que também se aproveitavam dessas guerras). Person (2010) relata que em 1830, na direção do baixo Casamance<sup>6</sup>, o reino vassalo dos Bainuk-Kassanga manterá sua identidade até ser

---

<sup>6</sup> O nome *Casamance* atribuído ao rio pelos portugueses surge a partir de uma derivação do título do rei dos Bainuk-Kassanga, *Casa Mansa*. Ver Yves Person. Os povos da costa- primeiros contatos com os portugueses de Casamance às lagunas da costa do Marfim. In: NIANE, Djibril Tamsir. HISTÓRIA GERAL DE ÁFRICA: VOLUME IV. São Carlos, 2010, p. 337-359

destruído pela etnia Balante”. A proteção pela identidade dos grupos são fatores importantíssimos para suas resistências. O Casamansa, que na altura tinha vários grupos, devido a sua riqueza e forma de comércio, era palco e alvo de ataques constantes, começando desde rio Gambia à rio Cacheu, de Geba a Bissau.

As divisões políticas entre os diferentes Estados africanos da região costeira, constituídos pelas estruturas de alianças étnicas e tribais que serviam como pacto de proteção de vassalagem a essas etnias minoritárias para manter suas tradições e identidades, acabam fortificando o Kaabu que na altura era governado por um *mansa* conhecido como “*caabu-mansa-ba* (o soberano mandinga do Gabu em representação do mansa do Mali), de grupo étnico mandinga, vindos do Mali. De acordo com Yves Person (2010, p.349):

O Kaabu é cercado por uma série de Estados vassalos, povoados às vezes por não manden aculturados, como os Kokoli (Tyapy), os Beafada e os Kassanga (Bainuk orientais), ou como o reino de Brassu (Oyo, no rio Cacheu), ou ainda como os vários reinos gambianos que os portugueses encontrarão no século XV remontando o rio: Niumi, Bati (Badibu), Niani, Wuli. Os Balante, hostis a qualquer forma de poder centralizado, mantiveram-se afastados e só parte deles subjugada. Apesar de a língua e a cultura manden dominarem e se desenvolverem até hoje, o sistema político que se organizou foi bastante autônomo em relação ao centro do alto Niger.

Apesar dessas alianças étnicas, as invasões continuavam e as disputas entre os vários grupos interessados nessas regiões acabaram ganhando outro contorno a partir da entrada na África Ocidental de alguns grupos étnicos convertidos as religiões islâmicas e católicas, os quais ingressam por meio de associação, sendo que cada segmento religioso tinha sua própria agenda.

Da perspectiva dos agentes externos coloniais “muçulmanos e católicos”, o processo de dominação se expressará na política, na língua, na cultura e no aspecto religioso o mais importante. Para os muçulmanos, segundo Costa e Silva (2010), as invasões religiosas foram justificadas da seguinte maneira: para os Torodbes (Torobe, Torodo ou Toorodo) Islâmicos “reformadores” o governo do mundo estava em mãos erradas e havia de impor as leis de Deus ou xaria, (uma lei baseada nos princípios islâmicos, ou seja, criação de estados teocráticos) razão pelas quais iriam atacar todos os povoados nessas regiões para deles se fazer islâmicos.

---

Os Torodbes são dois grupos étnicos diferentes que se encontraram, mas falam a mesma língua que é Fulfulbe, ou seja, o Fula (COSTA e SILVA, 2010).

Para os europeus da Península Ibérica, principalmente o reino de Portugal, havia necessidade de levar a salvação pelo evangelho aos africanos da costa que as suas almas estavam perecendo a cada dia sem conhecerem o seu senhor e salvador. Ao tratar dos relatos nas cartas enviadas à coroa portuguesa naquela altura sobre Bexerins e Jesuítas, o Padre Baltazar Barreira escreve o seguinte:

“Porque quanto mais notícias tenho de Guiné, tanto maior magoa do desamparo de tantos milhares de almas, que nenhum conhecimento tem do benefício inesperável de sua redenção, porque até agora não chegou a eles a luz do santo Evangelho, estendendo-se cada vez mais por aquelas partes a maldita seita Mafamede”<sup>7</sup> (SANTOS, 2012, p.188).

Contudo, o comercio e as manifestações religiosas na Costa da Guiné, em Casamansa e em Senegal antecederam a chegada dos europeus e dos expansionistas islâmicos, e mesmo com a chegada dessas religiões, as relações entre os povos já se vinham fortificando há séculos. Não obstante as suas características regionais, mas sempre se articularam em função das suas redes sociais de iniciação ritual e ancestrais. A rota Casamansés e Guiné, que liga desde Gâmbia ao Senegal, de Níger à Mauritânia, forma suas estruturas de relacionamento étnicos através das trocas comerciais de noz de cola, sal marinho, panos, peixes seco, gados e entre outras (COSTA e SILVA, 2010). As novas religiões para entrarem nessa onda comercial e territorial, tinham que dominar os povos autóctones sem ou com a guerra para assim se empoderarem do comercio e dos territórios.

Alguns seguidores do Islã em África, principalmente na costa ocidental e em algumas regiões, criaram a denominada guerra, chamada de “jihad”<sup>8</sup> com propósito de alastrar a sua visão religiosa no meio de outros povos. Na costa ocidental do continente africano a guerra foi conduzida pelo *Sori*, que a levou até ao rio Sancarani, ao alto da Gâmbia e ao reino de Gabu. Uma guerra marcada por vitórias e derrotas entre os islâmicos ou a “nova religião” e os demais povos adeptas às religiões tradicionais locais (COSTA e SILVA, 2010). Interessante

---

<sup>7</sup> Mafamede ver significado na obra de Vanicléia Silva Santos. Bexerins e Jesuítas: religião e comércio na costa da Guiné (século XVII), Métis, história & cultura, 2012

<sup>8</sup> Jihad, ver significado no: COSTA e SILVA, Alberto Da. O Jihad do Futa Jalom. In: RIBEIRO, Alexandre; GABARA, Alexsander; BITTENCOURT, Marcelo. (org.). África: passado e presente. II encontro de estudos africanas da UFF. Niterói: UFF, 2010, P.8-20.



frisar, porém, que essas guerras não tinham um único objetivo ou interesse, mas sim eram diversos, podendo ser religioso, tribal, comercial e ou territorial.

Historicamente, os Fulbes são conhecidos como povo pastores e semi-nômades que chegaram a região costeira no século XV. Algum tempos depois, o Mali que era uma fortaleza e dominada pelos mandingas acabaria por entrar num caos, perdendo assim a sua autoridade sobre o Sahel e outros territórios habitados por outros povos incluindo os fulas.

Os Fulbes aproveitaram para deixar a Futa e atravessaram o alto de Senegal e Gâmbia através de um vau, ou seja, dum trecho de rio com profundidade rasa a fim de achar um espaço que lhes permitissem exercer suas atividades, e esse deslocamento eram também acompanhada de guerras (MANGO, 2017; PERSON, 2010). Um grupo liderado por Dulo Demba não tardou a atacar os Beafadas que, nesta altura, pertenciam ou estavam sob autoridade do Mali que também se encontrava num estado de crise devido ao fracasso na sua administração. Com a sua instalação em Guema-Sanga, sem demora atacaram os Maninka do Kaabu e de Gâmbia e o alto de Senegal e o Futa-Toro nos finais do século XV e início do século XVI, fundando a dinastia Denianké, exercendo forte pressão sobre os adversários em conquistar seus território e dominá-los culturalmente e economicamente (LOPES, 2005; PERSON, 2010; CARDOSO, 2003).

As políticas, as disputas e as resistências ao longo do século desarmaram uns e fortificaram outros, principalmente aqueles que se enriqueceram com comércio e compra de armas de defesa e que era usado em suas campanhas de expansão dos territórios como explicado nos parágrafos anteriores.

Os Almamis do Futa Jalom sempre orgulharam das lutas de expansão territoriais que faziam, por isso, nunca conheciam a paz. Compraram armamentos em suas trocas com os Árabes e em outras horas com os europeus e avançaram para o sul e oeste da costa (COSTA e SILVA, 2010). Em oeste já se tinha formado um grupo fortemente armado que é o reino de Gabu, um reino liderado por um aristocrata chamado Caabu-mansa-ba (soberano mandinga de Gabu) que abrangia seu domínio desde costa até a foz do Gâmbia, até a Nunez, de rio Gâmbia e Curubal, também controlava outras partes desde rio Casamansa, rio Cacheu e rio Geba, era um autêntico predador das vizinhanças, não poupou o adversário numa batalha sangrenta recordada e celebrada. Isso porque com a decadência do império do Mali, o Gabu era a única província que ficou e se formou como um império forte. Apesar de rápido crescimento dos Fulbes de Futa Jalom em avanço de território e poderio de armamento diferente dos outros e

constantes ameaças deste aos vizinhos mandingas. Este sempre estava preparado para os adversários, principalmente os Fulbes que se avizinhavam.

Não obstante a derrota como consequência de seu ataque em Gabu território de Caabumansa-ba, os Futa Jalom não desistiram das suas manobras aleatórias de expansionismo (MANGO, 2017; COSTA e SILVA, 2010). A persistência dos Futa Jalons em conquistar o Gabu continua. Salientar que os Fulas, nomadistas em territórios chegaram o reino de Gabu e hospedaram ali mas com a condição de pagar tributo ao soberano Mandinga. A taxa de tributo aumentava de acordo com o crescimento populacional dos Fulas. (COSTA e SILVA, 2010). De acordo com Carlos Cardoso na sua obra sobre “as tendências atuais do islão na Guiné-Bissau”, afirma o seguinte:

O objetivo dos Fulas não era simplesmente encontrar um lugar de refúgio para se livrar dos pesados tributos dos Mandingas, mas também e sobretudo, tentar, a médio prazo, inverter a ordem em termos de correlação de forças na região. O maior desejo dos Fulas era o de um dia saírem da situação de dominados para a de dominantes (CARDOSO, 2003, p.47)

Os “Futa Jalonsenses” chegaram a povoação dos fulas e aproveitaram a oportunidade para se aliar a eles que já estavam cansado da violência, porque aquela sociedade dos mandingas não lhes aceitavam como membros. Os fulas para poderem proteger suas crias aceitaram o convite dos Futa Jalom e aliaram-se aos Almamis que tanto queriam dominar aquele território de Gabu para assim convertê-los a religião trazida pelos árabes (Islamismo), (DJALLO, 2012).

Quando refiro os conflitos étnicos, religiosas e territoriais em regiões de Casamansa, Guiné (Guiné-Bissau) e Senegal, destaco desde já a região de Guiné que em algumas vezes os Portugueses chamavam nos séculos XV e XVII de “rios da Guiné de Cabo Verde” (LOPES, 2005, p.11). Que, na altura apresentavam com vários grupos étnicos oriundos de diferentes regiões africanas. São eles Beafadas, Felupes, Sereres, Banhuns, Baiotes, Casangas, Balantas, Brames, Papeis, Mandinka, Manjacos, Bijagós, Nalus, Landumas, Sossos, Bagas, Bulons, Conianguis, Sapes, Xerbros, Timinés, Limbas, Quissis, Krims, Corancos, Vais e Fulas. (COSTA e SILVA, 2010; LOPES, 1999).

Em suas características e estruturas hierárquicas apresentavam com mais diversas organizações políticas e sociais, com o tempo muitos acabaram se assemelhar aos mandigas que dominavam o império e a maioria desses grupos perderam as suas identidades e muitos se extinguíram ao longo do tempo. (PERSON, 2010)

Esses grupos étnicos anteriormente referidos eram adeptos das religiões tradicionais africanas. Muitos cultuavam os deuses e, também os mortos em memórias dos seus antepassados. É comum, inclusive, ver essa prática até os dias de hoje entre os grupos étnicos em África Ocidental, principalmente em Casamansa e a atual Guiné-Bissau, mantendo-se vários ídolos e outros em formas de madeiras representando os deuses ou os parentes já falecidos que para eles representam um papel importante na comunicação com o mundo espiritual (GAARDER 2001).

Dentre os ídolos haviam classes, isso devido às posições que cada deus representava na sua comunidade. Das imagens representando os entes queridos mortos, também é possível ver diferentes formas e significados que assumem perante os familiares. Salientar que mesmo naquele tempo havia escravatura entre os próprios africanos, com isso, pode-se notar as imagens que representavam os escravos já mortos. Essa escravização dentre os africanos são fomentados devido as constantes disputas culturais, as disputas religiosas, as disputas dos territórios férteis. Com essas guerras entre eles, sempre que houver vencedor, aproveitavam cativar os perdidos para deles se fazerem trabalhadores:

“Essas populações eram adeptas da religião tradicional; Os portugueses notaram corretamente a base comum a todos os cultos encontrados ao longo da costa. Os habitantes da região adoravam ídolos talhados em madeira;” (PERSON, 2010, p.343).

Portanto, mesmo com a chegada dos colonizadores havia forte resistência dos africanos em não deixar suas tradições por isso, lutavam para preservá-las (HERNANDEZ, 2008). Isso porque, para esse povo esses ídolos serviam como forma da comunicação entre os mortais e o mundo dos deuses ou dos mortos, por isso, para eles esses objetos devem ser venerados por todos, uma vez que só com eles é possível manter contato com outro mundo. Os vencedores das batalhas levam pessoas como escravos e com isso, os obrigam a aprenderem as suas línguas. Segundo alguns historiadores como Yves Person (2010) e Eduardo David De Oliveira (2006); que travaram debates sobre as invasões Mandes e suas dominações e divulgações das suas línguas, afirmam que mesmo assim era possível acreditar que os Mandes não pouparam os adversários em combates e conseqüentemente as escravizava e as impunha as suas línguas. De acordo com Carlos Lopes:

Todos estes povos em contato com os Mandingas adotam a pouco e pouco os usos e a língua destes últimos e acabam por se confundir com eles. Assim, esta nação cresce incessantemente a expensas dos Floups, dos Bagnous, dos

Balantas, dos Beafadas, que se tornam Mandingas soninqués; os Mandingas-marabouts vão tentar dominar todos os lugares onde se sintam suficientemente fortes (LOPES, 1999, pp.190-191).

A língua Mane ou Manden nesse período era a língua mais falada na região ocidental africana. Os Mandingas formaram vários reinos ao longo de séculos e influenciaram várias línguas dos diferentes grupos étnicos, (PERSON, 2010). Até o dia de hoje é possível ver a forte influência da língua dos mandingas no crioulo da Guiné-Bissau e em outras regiões da África ocidental, o que alguns escritores chamam de mandigalização, (CARDOSO, 2003). E como discutimos esse processo de domínio linguístico ocorreu em quase toda a costa africana, principalmente no norte da atual Guiné-Bissau devido ao braço de rio Casamansa que facilitava encontro de vários grupos em suas atividades.

A Casamansa, uma região rica e com boa floresta, que permitia a prática da agricultura e criação de gado, e que sempre foi disputado pelos grupos étnicos que se povoaram naquela região africana “A região era próspera e cosmopolita. Suas terras férteis às margens do rio atraíam agricultores assim como a navegação pelo rio atraía comerciantes. Muitos grupos étnicos se estabeleceram no local, [...]” (JUNIOR, 2014, p. 16). Essa facilidade que a região oferecia, fez algumas populações se sedentarizarem e, conseqüentemente, começaram as rivalidades e guerras entre eles.

Os Bainuk-Kassanga que tiveram que resistirem contra os Balantes (Balantas) que tentavam entrar e dominar na aldeia. Uma resistência que durou muito tempo e que depois foram vencidos pelos balantes (Balantas) que passaram a controlar o território e organizar para atacar os Jolas (Djiolas).

A região de Casamansa ligada ao rio Cacheu, rio Gâmbia e Senegal permitia navegação e conseqüentemente ataque dos outros povos em busca da terra fértil para suas práticas agrícolas. Muitos grupos étnicos perderam suas identidades, territórios, suas línguas e suas tradições, seus gados e riquezas, em razão dessas guerras de poderes, culturais e religiosas (PERSON, 2010).

O final do século XVIII e início do século XIX foram momentos importantes na história daquela região da África ocidental. Primeiramente vamos ver sinais de deterioração da administração Kaabunké de Gabu, a segunda tem a ver com a forte avanço e pressão dos futa Jalon e fulas ao centro de Cansala, cidade onde reside o Kaabu-mansa-ba soberano de Gabu e a terceira vai terminar com a queda ou seja a destruição do império de Gabu e dos

seus aliados e conseqüentemente a vitória dos Fulas e aliança com o poder colonial a partir da segunda metade do século XIX.

O Gabu império Mandinga não produzia quase nada e para sobreviver dependia dos tributos que outros grupos étnicos davam aos Niantios e realezas, ou seja pessoas ligados a aristocracia e que mandavam em nome do Kaabu-mansa-ba. Estes percorriam toda a região para fazer recolha dos tributos. As contas eram pesadas para outros grupos étnicos, mas era obrigatório pagar para assim se manter no espaço controlado pelo Kaabunké, (LOPES, 1999; PERSON, 2010).

Os Fulas que queixavam da administração dos mandingas em como cobravam os tributos, arranjarão outros mecanismos para se livrarem dos Manden. Foi nisso, que com a chegada dos Futa-tooro um oligarquia étnico e Islamizados que em 1776 ou até antes se fizeram revolução islâmica e conseqüentemente a saída para conquistar mais adeptos. (BARRY, 2000). Segundo as narrativas do escritor guineense Tchernó Djaló sobre as expedições Fulas na África Ocidental, afirma que:

entre as mais importantes expedições dirigidas contra a atual Guiné-Bissau assinalamos as campanhas de Koli Tenguela do Corubal Superior; de Abdulai Bá Demba ( Almamy Alfaya), por volta de 1804; de Abdul Gadiri contra Niokolo e Gábu; de Almamy Sorya Abubakar contra o Braço ( região de Farim) com a formação de um principado em Pachisse e Pakau sob a autoridade de Bakary Koy; a derrota de Almamy Umaru e Ibraima Candjai contra os Fulas Houbbou dirigidos por Mamadú Djué; as expedições contra os reis de languicaio e Djanké Wali durante a batalha de Turuban que acabou com a hegemonia mandinga no Gabú e a coparticipação dos Alfa de Labé nas lutas de emancipação entre os Fulas pretos e os Fulas-Forros em Rio Grande (DJALÓ, 2012, p.71)

Os Fulas não perderam tempo em aliar com os inimigos do reino e conseqüentemente o planejamento dos ataques. Os Futo-tooros tinham dois propósitos para seus ataques em Kaabu. Segundo Calido Mango, o primeiro propósito foi de dominar todo o território mandinga e forçá-los a pagar námô<sup>9</sup>; e, o segundo propósito era de fazer guerra santa “Jihad” vencer e convertê-los ao islã, (MANGO, 2017; COSTA e SILVA, 2010). Essa batalha foi conhecida como “Guerra de Cansala”. Não foi fácil enfrentar o império de Kaabu, porque seu mansa conhecido como Djankè Wali era um homem poderoso, mas com o apoio dos

---

<sup>9</sup> Námô significa Imposto na língua mandinga, ver Calido Mango. Kansala: O embrião do poder mandinga na Guiné-Bissau. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oXlGoSFmhEQJ:www.pordentrodaafrica.com/cultura/kansala-o-embriao-do-poder-mandinga-na-guine-bissau+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br.>> Acesso em 16 de fev. 2018

comerciantes europeus que momento tiveram interesse econômico na região conseguiram materiais para enfrentar Kaabunké<sup>10</sup>. Os Fulas para vencerem a guerra tiveram que enfrentar uma guerra difícil que durou onze dias, da qual conseguiram entrar em Cansala, onde o rei/mansa decidiu morrer lá dentro em vez de ser capturado pela força inimiga, (MANGO, 2017).

Com a vitória dos Fulas os grupos étnicos que ocupavam os territórios sob administração de Kaabunké começaram a ser perseguidos pelos Fulas afim de os islamizarem e Fularizarem-lhes. Muitos tiveram que fugir para outras regiões para escaparem dos Fulas. Com essa guerra fez chegar o fim do império Mandinga como nos explica o Yves Person:

Entretanto, a perturbação da antiga ordem começou em 1859, quando o Fouta- Djalon e, particularmente, o grande alfaa- mo- Labe, Yaya Mawdo, iniciaram uma decisiva luta contra o Kaabu, cujo rei Yargi Sayon foi assassinado. O velho império entrou em colapso no ano 1867, na catarata de Kansala (situada na futura Guiné portuguesa), após o almaami Umara de Timbo ter se juntado ao alfaa- mo- Labe. (PERSON, 2010, p.750).

Essa aliança poderosa acabou com o império que há séculos dominou a região Senegâmbia e passou a ser administrada pelos Fulas islamizadas. Percebe-se que apesar da vitória dos Fulas contra os Mandingas, mesmo assim os fulas não desistiram, pois continuaram suas conquistas contra outros povos ou grupos étnicos que na altura não eram islâmicos. Esses conflitos eclodiram até o período colonial, ou seja período da pacificação dirigida pelo Portugal na atual Guiné-Bissau.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz Adriano, Et al. Aspectos Históricos do Império do Mali: (Séc. XIII-XVI). I Jornada Paranaense Pibid e Pet de História. UNESPAR, Campus Paranavai, 2013.

BARRY, Boubacar. Senegâmbia: O desafio da História Regional. SEPHIS- Centro de Estudos Afro-Asiático, Rio de Janeiro, 2000.

---

<sup>10</sup> Kaabunké é uma construção de Kaabú + Nké, (Nké significa na língua dos Mandingas nação ou ideia que se atribuía a nação; ex: Soninké, Malinké...). Ver Carlos Lopes. Kaabunké: espaço, território e poder na Guiné-Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1999, p.23.

CARDOSO, Carlos. As tendências actuais do islão na Guiné-Bissau. In: O islão na África Subsariana. (Org.) António Gonçalves. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

COSTA e SILVA, Alberto Da. O Jihad do Futa Jalom. In: RIBEIRO, Alexandre; GABARA, Alexander; BITTENCOURT, Marcelo. (org.). África: passado e presente. II encontro de estudos africanas da UFF. Niterói: UFF, 2010, pp.8-20.

DIALLO, Mamadou Alpha; FERNANDES, Lito Nunes. O conflito de Casamansa: uma questão de segurança regional na Senegâmbia. Tensões Mundiais, Vol. 7, 2011, pp.117-136

DJALO, Tchernó. O mestiço e o poder: identidade, dominações e resistência na guiné. Assírio Bacelar, 2012.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. O livro das religiões, São Paulo, SCHWARCZ Ltda, 2001.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa, São Paulo, Atlas, 2010.

GOMES, Lisandra Nivalda Vaz. A Pegada Ecológica e a Arquitetura Sustentável do Século XXI: Proposta de uma Escola Secundária e Envolvente em Canchungo, Guiné-Bissau. Lisboa, 2017.

GAARDER, Jostein, Et al. O livro das religiões. São Paulo, 2001.

GONÇALVES, Adelto. Casamansa, um grito de liberdade sufocado. A situação dramática vivida por uma província do Senegal é mais um exemplo da herança deixada pelos colonizadores europeus. Revista Fórum. São Paulo, 2006, pp.42-43.

HERNANDEZ, Leila Leite. A África na sala de aula: visita à história contemporânea. 2.ed. ver.- São Paulo: Selo Negro, 2008.

JÚNIOR, David Martinho de Lima. Descolonizando as mentes: Ousmane Sembène e a proposta de um Cinema Africano na década de 1960. Rio de Janeiro, 2014.

LY-TALL, Madina. O declínio do império do Mali. In: NIANE, Djibril Tamsir. História Geral da África: África do século XII ao XVI. VOLUME IV. Brasília, 2010, pp. 193-210

LOPES, Carlos. O Kaabu e os seus vizinhos: uma leitura espacial e histórica explicativa de conflitos. Afro-Ásia, 32 (2005).

\_\_\_\_\_. Kaabunké: espaço, território e poder na Guiné Bissau, Gâmbia e Casamance pré-coloniais. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999.

\_\_\_\_\_. Os limites históricos de uma fronteira territorial: Guiné “Portuguesa” ou Guiné-Bissau. Lusophones, 1994.

MANGO, Calido. Kansala: O embrião do poder mandinga na Guiné-Bissau. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:oXlGoSFmhEQJ:www.pordentrodaafrica.com/cultura/kansala-o-embriao-do-poder-mandinga-na-guine-bissau+&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br.>> Acesso em 16 de fev. 2018.

MENDY, Peter Michael Karibe. Conquista militar da Guiné: da resistência à “pacificação” do arquipélago dos Bijagós. Soronda: revista de estudos guineenses, v. 13, p. 41-57, 1992.

MENDY, Peter Michael Karibe. A economia colonial da Guiné-Bissau: “Nacionalização” e exploração, 1915-1959. Soronda: revista de estudos guineenses, v.09, pp. 23-52, 1990.

MONTEIRO, Artemisa Odila Candé. Guiné Portuguesa versus Guiné-Bissau: A luta da libertação nacional e o projeto de construção do estado Guineense. UEFS, n.12, 2011.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O tempo dos povos Africanos. IPEAFRO-SECAD/MEC-UNESCO, 2007.

OLIVEIRA, Eduardo David De. Os três grandes impérios Negros-Africanos Séc. X ao XV (entre a faixa do Sahel e do Saara). Cosmovisão Africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba, 2006.

PERSON, Yves. Os povos da costa- primeiros contatos com os portugueses de Casamance às lagunas da costa do Marfim. In: NIANE, Djibril Tamsir. História Geral da África: África do século XII ao XVI. VOLUME IV. Brasília, 2010, pp. 337-359.

PERSON, Yves. Estados e povos da Senegâmbia e da Alta Guiné In: J. F. A. Ajayi. História Geral da África: África do século XIX à década de 1880. Volume VI. Brasília, 2010, pp.741 – 770.

SANTOS, Vanicléia Silva. Bexerins e Jesuítas: religião e comércio na costa da Guiné (século XVII), Métis, história & cultura, 2012.



SÁ-SILVA, Jackson Ronie, et al. Pesquisa Documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais, 2009.

SANTOS, Vanicléia Silva. As bolsas de mandinga no espaço Atlântico: Século XVIII, São Paulo, 2008.

WONDJI, Christophe. Os Estados e as culturas da costa da Alta Guiné. In: OGOT, Bethwell Allan. História Geral da África: África do século XVI ao XVIII. VOLUME V. Brasília: UNESCO, 2010, pp. 437-473.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

## QUADRO DE FONTES DOCUMENTAIS

TIPO	TEMA	ASSUNTO/	PERIODO	LOCALIZAÇÃO	ACESSO
Digital	ECONOMIA	Economia dos povos de entre Gambia e o estuário de Geba	1964	Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. XIX -075  PORTUGAL, centro de estudos da guiné Portuguesa, Vol. XIX-75, 1964, 171 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N075&amp;p=6">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N075&amp;p=6</a>  08/02/2018
Digital	A ETNONÍMI A	A Etnonímia dos Povos de entre o Gambia e o estuário do Geba	1964	Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. XIX - 075  PORTUGAL. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XIX - 75, 1964, 171 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N075&amp;p=6">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N075&amp;p=6</a>  09/02/2018
Digital	A CHEGADA À GUINÉ	A descoberta da Guiné  Evolução do problema	1946	Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. I - 001 a 004  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné portuguesa, vol. I-001-004, 1946, 945 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N001-N004&amp;p=15">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N001-N004&amp;p=15</a>  08/02/2018
Digital	NAVEGANTE NUNO TRISTÃO	A morte de Nuno Tristão	1947	Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. II – 005  PORTUGAL. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. II - 5, 1947, 315 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N005&amp;p=204">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N005&amp;p=204</a>  08/02/2018

Digital	A SENEGAM BIA DO SÉC. XV AO SÉC. XX	A Senegâmbia do séc. XV ao séc. XX: Em defesa de uma história sobre regional da Senegâmbia	N09 jan.19 90	SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n09-net.pdf">http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n09-net.pdf</a>  10/02/2018
Digital	OS BEAFADAS	Breve notícias dos caracteres étnicos dos indígenas da tribo Beafada		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa. I - 001 a 004  PORTUGAL. Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. I - 001- 004, 1946, 945 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N001-N004&amp;p=210">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N001-N004&amp;p=210</a>  10/02/2018
Digital	ETNIAS	Os conceitos de etnias e classes sociais: uma primeira aproximação dos instrumentos de análises da realidade africana		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n14-net.pdf">http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n14-net.pdf</a>  21/02/2018
Digital	ETNIA, ESPAÇO ETNICO	Etnia, espaço étnico e colonialismo		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n12-net.pdf">http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n12-net.pdf</a>  21/02/2018
Digital	Senegâmbia	Naissance de la Guiné.Portug ais et Africains em Sénégalie (1841-1936), de René Pélissier		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n11-net.pdf">http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n11-net.pdf</a>  21/02/2018

Digital	Senegâmbia	História da Guiné Bissau. Portugueses e Africanos na Senegâmbia (1841-1936)		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n11-net.pdf">http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n11-net.pdf</a> 21/02/18
Digital	Relação de poder	Relações de poder numa sociedade malinké: O Kaabu do séc. XIII ao séc. XVIII		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n10-net.pdf">http://inep.gw/backend/tables/revista_soronda/ficheiro1/Soronda_n10-net.pdf</a> 21/02/18
Digital	Resistências Africanas	Resistências Africanas ao controle do território: Alguns casos da Costa da Guiné no séc. XX		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.007#!4">http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.007#!4</a> 26/02/18
Digital	O Kaabú	O Kaabú: Um das grandes entidades do património Histórico Senegâmbiano		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.007#!4">http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.007#!4</a> 26/02/18
Digital	Conflitos interétnicos	Conflitos interétnicos: dissolução e reconstrução de unidades políticas nos rios da Guiné e de Cabo Verde (1840/1899)		SORONDA Revista de Estudos Guineenses	Virtual: <a href="http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.007#!4">http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09708.007#!4</a> 26/02/18

Digital	Os Fulas	Os Fulas da Guiné-Portuguesa na panorâmica geral do mundo Fula  Distribuição geográfica dos Fulas		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, XIX- 075  Portugal, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XIX-75,1964,171 Págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N075&amp;p=83">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N075&amp;p=83</a>  27/02/18
Digital	Contos Fulas	Contos Fulas  Astúcia de mulher		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, III-010  PORTUGAL, Centro de estudos da Guiné Portuguesa, V.III-10,1948,275 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N010&amp;p=128">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N010&amp;p=128</a>  27/02/18
Digital	O Mar de Sargaço	Nuno Tristão e o mar de Sargaço		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, IV-013  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. IV-13, 1949, 205 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N013&amp;p=10">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N013&amp;p=10</a>  27/02/18
Digital	Abdu Indjai	Figuras da Ocupação  Abdu Indjai		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, IV-013  PORTUGAL, Centros de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. IV-13, 1949, 205 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N013&amp;p=66">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N013&amp;p=66</a>  27/02/18
Digital	Crônica da Colônia	Crónica da Colónia  A Guiné-apreciada pelo “século” e pelo “continental Daily Mail”		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, IV- 013  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. IV-13, 1949, 205 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N013&amp;p=154">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N013&amp;p=154</a>  27/02/18

Digital	Agricultura	A agricultura de Brames e Balantas vista através da fotografia aérea		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, V-018  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. V-18,1950, 218 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N018&amp;p=10">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N018&amp;p=10</a>  27/02/18
Digital	Felupes	Apontamentos Etnográficos sobre os Felupes de Susana		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, V-080  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. V-18, 1950, 218 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N018&amp;p=83">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N018&amp;p=83</a>  27/02/18
Digital	Guiné	Os Capitães-Mores das praças da Guiné		Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, VI-021  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. VI-21,1951,337pags	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N021&amp;p=187">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N021&amp;p=187</a>  27/02/18
Digital	Último quartel de século XIX	A Guiné no último quartel do séc. XIX	XIX	Boletim Cultural da Guiné Portuguesa, VIII-020  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. VIII-29,1953,205 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N029&amp;p=134">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N029&amp;p=134</a>  27/02/18
Digital	Expedições	Duas Expedições enviadas à Guiné Portuguesa anteriormente a 1474 e custeadas pela fazenda de D. Afonso V		Boletim Cultural de Guiné Portuguesa, XII-045  PORTUGAL, Centros de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XII-45,1957,162 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N045&amp;p=48">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N045&amp;p=48</a>  27/02/18
Digital	Administração	A organização administrativa da Guiné de 1615 a 1676		Boletim cultural de Guiné Portuguesa, XIV-053  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XIV-53, 1959,185 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N053&amp;p=105">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N053&amp;p=105</a>  27/02/18

Digital	Origem	Sobre a origem do termo Guiné		Boletim Cultural de Guiné Portuguesa, XVII-065  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XVII-65, 1962, 230 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N065&amp;p=42">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N065&amp;p=42</a>  27/02/18
Digital	Povos	Os povos da Guiné		Boletim cultural de Guiné Portuguesa, XIV-085-086  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XXII-085 e 086, 1967, 271 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N085-N086&amp;p=6">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N085-N086&amp;p=6</a>  27/02/18
Digital	Missão	A primeira missão Franciscana da Guiné (Séc. XVII-XVIII)  Tentativa sem efeito no século XV		Boletim cultural de Guiné Portuguesa, XIV-089-090  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XXIII-089 e 090, 1968, 244 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N089-N090&amp;p=90">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N089-N090&amp;p=90</a>  27/02/18
Digital	Fulas	Dos fulas da Guiné portuguesa		Boletim cultural de Guiné Portuguesa, XIV-101  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XXVI-101,1971, 279 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N101&amp;p=145">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N101&amp;p=145</a>  27/02/18
Digital	Ritual	O infanticídio ritual em África		Boletim cultural de Guiné Portuguesa, XIV-101  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XXVI-101, 1971, 279 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N101&amp;p=166">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N101&amp;p=166</a>  27/02/18
Digital	Ziguinchor	Ziguinchor et son passe (1645-1920)	(1645 - 1920)	Boletim cultural de Guiné Portuguesa, XIV-109  PORTUGAL, Centro de Estudos da Guiné Portuguesa, Vol. XXVIII-109,1973,211 págs.	Virtual: <a href="http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N109&amp;p=39">http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/BCGP/BCGP-N109&amp;p=39</a>  27/02/18

